

As potências do século



» SACHA CALMON
Advogado

O poder russo estende-se até as ilhas acima do Japão. A posição mais forte da Rússia está fora do campo de batalha. O bloqueio do Mar Negro é crucial para a economia ucraniana com repercussões mundiais (aumentos do preço dos alimentos). O bombardeio da infraestrutura ucraniana e, nas últimas semanas, os ataques a um shopping center, um resort e vários prédios de apartamentos têm como objetivo abalar o moral do país. A crise fiscal da Ucrânia está se agravando por causa do colapso da atividade econômica, da queda vertiginosa das receitas tributárias e da perda da entrada de moeda forte com as exportações de aço e grãos. O Banco Central ucraniano queimou 9,3% de suas reservas internacionais apenas em junho.

Oleg Ustenko, assessor econômico de Zelensky, diz que o país precisa agora de US\$ 9 bilhões por mês do Ocidente para cobrir seu déficit público. Anteriormente, Kiev havia solicitado algo entre US\$ 5 bilhões e US\$ 6 bilhões. “Sem o apoio financeiro de nossos aliados, não será apenas difícil cobrir esse déficit, será impossível”, acrescenta Ustenko.

Os EUA desembolsaram US\$ 4 bilhões em ajuda econômica a Kiev e esperam distribuir outros US\$ 6,2 bilhões até setembro. A União Europeia juntou apenas 1 bilhão dos 9 bilhões de euros prometidos em abril, em meio a disputas sobre se deveria fornecer subsídios ou empréstimos.

Enquanto isso, a Rússia estrangulou a Europa ao reduzir o fornecimento de gás no verão europeu e ameaça interromper completamente o fornecimento, o que aumentaria as contas das famílias e poderia fechar setores do continente que dependem muito da energia, se houver problemas de

fornecimento no inverno.

“A guerra híbrida da Rússia aumentou e perdemos isso de vista”, afirma um consultor de defesa ocidental. “Se a ofensiva russa em terra tiver uma pausa neste verão, ou mesmo passar para a defensiva, tudo bem do ponto de vista de Moscou. Enquanto isso, sua guerra híbrida e econômica poderá ser intensificada.”

Autoridades ucranianas afirmam que Putin está contando com o problema da inflação e da falta de gás para forçar as capitais europeias a pressionar a Ucrânia a terminar a guerra em termos favoráveis a Moscou. O líder russo poderá subestimar a determinação ocidental, do mesmo modo que também assumiu que o Ocidente não sairia em apoio à Ucrânia após fevereiro. Essa guerra, ao cabo, é um fracasso da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Se olharmos com nitidez o que ocorre na Ucrânia, veremos que o Ocidente, os Estados Unidos (EUA) à frente, está lutando e já custou US\$ 8 bilhões, contra a Rússia, por intermédio dos ucranianos. Eles são lutadores de aluguel.

No indo-pacífico, objeto de análise em artigo anterior desta coluna, vimos que a afirmação do poder chinês na região é inevitável. E, nesse quadro, a amizade sino-russa é o novo fator da política internacional no coração do mundo, ou seja, a euroásia. Potência atômica e espacial (hoje não se chega nem se sai da estação espacial internacional senão em naves de acoplamento russas), a Rússia compete em ogivas atômicas com os EUA, hegemônico desde a 2ª guerra mundial, com o grande Roosevelt (1932 a 1945).

Seja lá como for, pelo menos três grandes potências disputam a geopolítica do século e são EUA, Rússia e China continental. O

encolhimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URRS) resultou no fortalecimento da Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão. A Europa Ocidental é democrática, mas não tem poder. No mundo após a descolonização da África e de parte da Ásia, forma, caudatária, junto com os EUA, um poder ainda grande, mas não absoluto como no passado. Observamos que Londres e Paris são potências médias, essa a verdade nua e crua que resulta da análise geopolítica do mundo atual.

Mas uma pergunta há que não quer calar. O que o presidente Bolsonaro foi fazer no encontro pessoal com Putin, às vésperas da invasão da Ucrânia? Assegurar o fornecimento de fertilizantes em troca da não condenação da Rússia não exigiria uma ida a Moscou nem um encontro pessoal. Uma resposta cabal ainda não foi dada a essa pergunta, que não se conforma com respostas vagas. Não há como acusar o presidente Bolsonaro de não prover o agronegócio com adubos e fertilizantes, tendo em vista sua cosmovisão, mormente a que acusa toda e qualquer pessoa que se coloque contrária a seus desígnios (o lado interno da política atual em nosso país).

Há quem diga não à essa interpretação. Para esses, Bolsonaro quis um aprendizado sobre o quanto pode um autocrata.... Mas cabe um comentário final. Na política, temos os que governam e a oposição; temos os colegas de partido e os adversários. Bolsonaro introduziu, na política, a noção de que a oposição é inimiga. Um raciocínio torto perante a democracia. Uma lógica de guerra em tempos de paz. É nosso dever sepultar essa lógica de guerra na política, palavra que vem da Polis grega (a arte de fazer o melhor para a cidade e seus cidadãos).

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Remoçando as W3

Bem faria o próximo governador se empenhasse a dinâmica de sua administração na revitalização das Avenidas W3 Norte e Sul. Trata-se aqui de um eixo de vital importância econômica e social não só para o Plano Piloto, mas para toda a grande Brasília e que tem sido mal direcionado ao longo de décadas.

O renascimento dessas avenidas trará recursos preciosos para a capital, primeiramente irradiando seus benefícios para todas as áreas adjacentes, ajudando a alavancar também outras regiões distantes. Uma primeira providência, e que não custaria quase nada aos cofres públicos, seria deslocar o Eixo do Lazer, fechado aos domingos e feriados, para as Avenidas W3 Norte e Sul.

O fechamento dos eixos W3 levaria a população e todos os eventos que ali se realizam para esse novo eixo de lazer, criando oportunidades e incentivando novos negócios, ao mesmo tempo em que despertaria na comunidade uma maior atenção para essa esquecida área.

Todos sabem que o comércio vive sobretudo graças à movimentação da população nesse local. O Eixo Rodoviário, como o próprio nome indica, poderia voltar a ter sua vocação preservada, que é de permitir a livre circulação de automóveis, interligando as pontas extremas do Plano Piloto, conforme idealizado pelos construtores da capital.

Essa mudança poderia, num primeiro momento, funcionar como um teste piloto, para que as autoridades e a população pudessem avaliar as consequências dessa mudança para o desenvolvimento das W3. Caso essa experiência desse certo, como acreditamos que dará, o passo seguinte seria um investimento pesado para a melhoria de toda a infraestrutura dessas avenidas, a começar por uma repaginação arquitetônica de toda essa via, capaz de trazê-la de volta aos seus dias de glória.

Outra medida, que também pouco custaria aos cofres públicos da cidade, seria a adoção de incentivos, de ordem fiscal e outros, para que os proprietários desses imóveis aderissem ao movimento de renovação geral, através de gestos simples como a uniformização dos reclames nas fachadas de cada loja, de modo a preservar o conceito singular e original da capital, acabando com a poluição visual, que tantos males causam à cidade e à saúde das pessoas.

O poder público entraria nessa empreitada com obras pesadas de infraestrutura necessária, interligando essas avenidas, dotando-as de iluminação adequada e segurança constante. Qualquer pesquisa realizada entre os proprietários e aqueles que possuem seus negócios instalados nas Avenidas W3 Norte e Sul tem mostrado que todos eles reclamam do abandono desses locais, da falta de iluminação, de segurança e calçadas uniformes.

Também o replantio de árvores ao longo de todas essas avenidas traria conforto climático e ambiental, valorizando ainda mais esses espaços. Exemplos pelo mundo afora têm ensinado que a revitalização de antigas áreas das cidades gera benefícios incontáveis para a população e a economia dessas metrópoles.

Medidas desse porte, colocadas na prática em cidades como Nova York e Londres, mostram que com poucos incentivos dos cofres públicos é possível fazer renascer pontos essenciais dentro dos espaços urbanos. Os benefícios dessas medidas são incontáveis e se multiplicam pelo planeta.

Aqui mesmo no Brasil, como é o caso do Rio de Janeiro, antigas áreas, como o cais do porto, depois que passaram por uma repaginação e modernização, voltaram a ganhar vida, fazendo com que essa cidade incorporasse ao seu patrimônio, áreas que antes eram problemáticas e que traziam prejuízos aos moradores e a própria metrópole.

Os alimentos que consumiremos no futuro

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa Agroenergia

O mundo está experimentando um processo de transição demográfica com envelhecimento populacional, intensa urbanização e crescimento das taxas de mortalidade atribuíveis a males não transmissíveis, como doenças metabólicas crônicas, cardíacas, cerebrovasculares, pulmonares, além de múltiplas formas de câncer. Muitos associam o crescimento de tais doenças a alterações nos costumes e estilo de vida, que geralmente acompanham os processos de desenvolvimento econômico, mudanças demográficas e urbanização acelerada.

O pesquisador americano Barry Popkin desenvolveu um modelo, que denominou “transição nutricional”, para explicar mudanças no padrão alimentar e nutricional ao longo da evolução da sociedade. Seu modelo descreve mudanças nos padrões de dieta desde quando humanos viviam da caça e da coleta de alimentos, até o surgimento da agricultura, cerca de 10 mil anos atrás, avanço que ajudou a minorar problemas de fome e desnutrição. Avanços adicionais ocorreram ao longo do último século, com a agricultura incorporando mais conhecimento e capacidade de produzir, com regularidade, maior diversidade de alimentos.

Um estágio mais recente dessa transição nutricional foi marcado pela chamada “ocidentalização das dietas”, que teve início nos anos 1960, com aumento do consumo de gorduras, açúcares, adoçantes, carne, sal e alimentos altamente processados e pobres em fibras, mudança acompanhada por costumes e estilos de vida mais sedentários. De acordo com o modelo de Popkin, o sistema alimentar é no presente influenciado por uma sociedade mais informada e exigente, que busca prevenir ou retardar doenças degenerativas, priorizando dietas mais saudáveis e estilos de vida mais ativos.

A transição nutricional é um conceito

dinâmico que descreve como dietas e qualidade de vida se alteram com mudanças econômicas. Tais transições não indicam períodos históricos, uma vez que diferentes fases podem ocorrer de forma concomitante em um mesmo país indivíduos de diferentes classes sociais experimentando diferentes fases da transição nutricional. O conceito deve, portanto, ser visto como orientador e não como indicador preciso do que ocorre no mundo real, que é marcado por transições sobrepostas na economia, meio ambiente, costumes e renda, com repercussões em alimentação, nutrição e saúde.

Ainda assim, estudar transições nutricionais e estimar mudanças na demanda por alimentos é uma necessidade crítica nas análises globais de segurança alimentar. É pouco provável que venhamos a experimentar convergência para poucos tipos de dieta, uma vez que nem a globalização, que agora perde força, conseguiu fazê-lo. Mas governos estão cada vez mais pressionados pelos males associados a dietas inadequadas e já introduzem políticas e regulamentos promotores da saúde e do bem-estar, que poderão ter grandes repercussões no sistema alimentar no futuro.

Análises dos impactos possíveis de tais mudanças são ainda escassas. O estudo *Transição nutricional e a estrutura da demanda global de alimentos*, publicado pela revista americana *Economia Agrícola* (Vol. 101:383, 2019), projetou possíveis alterações no padrão de consumo e dietas em função de mudanças demográficas e econômicas esperadas nas próximas décadas. O estudo antecipa, no horizonte de 2050, redução na demanda por alimentos amiláceos ou energéticos — como arroz, milho e trigo, e maior procura por proteínas de origem animal, óleos, adoçantes, frutas e hortaliças.

Considerando cenários alternativos de mudanças na população e na economia,

aumentos na demanda por calorias de origem animal são estimados entre 74% e 114%, em âmbito global. Tendência que poderá se alterar, uma vez que as estimativas avaliam mudanças nas dietas em função da renda, não capturando impactos das crescentes preocupações dos consumidores com saúde, bem-estar animal e meio ambiente. Preocupações em grande medida refletidas no crescimento não apenas no número de vegetarianos e veganos, mas também de flexitarianos — aqueles que priorizam alimentos de origem vegetal, consumindo proteína animal com moderação.

Outra estimativa importante desse estudo é o aumento de 47% na demanda por alimentos entre 2010 e 2050, o que representa menos da metade do crescimento experimentado nas quatro décadas anteriores. Antecipa-se que esse crescimento ocorrerá principalmente nos países em desenvolvimento, pois países de alta renda já registram elevados níveis de consumo per capita, além de tenderem a crescimento populacional baixo nas próximas décadas. Além disso, a mobilização global contra o desperdício, que hoje leva para o lixo até 30% do alimento produzido, tenderá também a reduzir a demanda no futuro.

Portanto, crescimento econômico, dinâmica populacional e preocupações com saúde e qualidade de vida, meio ambiente e bem-estar animal serão importantes motores das transformações nos sistemas alimentares, com impactos significativos nos padrões de produção e consumo em todo o mundo. O Brasil, que consolidou liderança na produção, a custos competitivos, de grandes volumes de commodities alimentares, precisará se concentrar mais em diversificar, especializar e agregar valor à sua produção. Condição para atender bem à nossa população e para competir pelos mercados mais complexos e sofisticados que emergirão no futuro.

» A frase que foi pronunciada

“Sempre foi fácil odiar e destruir. Construir e valorizar é muito mais difícil.”

Rainha Elizabeth II

Manhã da Saudade

» Aos 37 anos, a escola Visconde de Cabo Frio, na L2 Norte, fez um encontro memorável ontem entre famílias de alunos, ex-alunos e ex-funcionários. A ideia foi reencontrar quem viu a instituição nascer, saber onde estão essas pessoas e o que fazem. Para provocar a memória, uma exposição de fotos foi apreciada por todos.

Kamikazes

» Zebrinhas são o transporte coletivo sobre rodas mais rápido e confortável do Plano Piloto. Mas há alguns problemas. Não há paradas próprias e a velocidade que passam nos balões das entrequadradas tira um lado do veículo do chão.

Educação

» Plataforma desenvolvida em parceria entre o Itaú Social e a Crossknowledge alcançou a marca de 140 mil usuários e mais de 80 mil certificados dos 50 cursos oferecidos gratuitamente. A iniciativa rendeu a medalha de prata do prêmio Brandon Hall — Excellence Awards 2022, na categoria “Melhor Avanço na Implementação de Tecnologia de Aprendizagem”.

» História de Brasília

Na escola pública, a sala da diretoria é uma mesa jogada num corredor infecto, lamacento, caindo aos pedaços. As crianças não usam caderno dia de chuva. Á água molha tudo. (Publicada em 10.03.1962)